Sobre as prisões

Josenildo de Paiva Neri

No momento que a prisão só serve para punir e não para educar, formar e garantir ao homem melhoras, a prisão é apenas elemento de fabricação de delinqüência a prisão passa ser algo maléfico, que trata o ser apenas como sendo infrator, isto é marginal. A estrutura da prisão que fora analisada por Foucault merece de nós muita atenção já que este é um fato histórico. Trata-se de algo atual embora tenha sido estudado no século xix, hoje ainda há rastro desse arcaico sistema de prisão que oprime, mas que restabelece.

O sistema prisional da conjuntura atual é evidentemente punitivo e opressor, para quem haja melhor sucesso deste sistema para Foucault, renovação mudanças que demonstre que a prisão vai atuar na melhoria e na busca de recuperação do detento, para habilita lhe para se adequar á sociedade, sendo uma necessidade inerente a qualquer que por qualquer motivo se ausenta do convívio social e não atendo as características de cidadão civilizado passa por um processo de recrutamento (que deveria ser educativo) para tornar o ser que anteriormente era perigoso , um ser justo e igual a todos em direito e deveres .pensa-se então que todos que sai das prisões foi justamente punido e que pagou pelos seus atos de delinqüência ,porem isso pode ser por muitas vezes um certo equívoco , neste sentido percebe -se que a justiça deve agir de forma que a punição não faça com que a cadeia seja lugar de fabricar bandidos ao invés de fazer com que este tenha possibilidade de adaptação social de maneira acolhedora no mercado de emprego e não volte a praticar os crimes que outrora praticou, daí o equivoco por que a prisão é tão somente punitiva e não ajuda o prisioneiro.

A partir do que o texto trás como elemento fundamental para que se efetuem com bastante clareza uma punição educativa que possibilite ao prisioneiro uma boa reabilitação ao sair da prisão, e não o contrário como ocorre. Sabe-se então que os mais diversos presídios dos nossos pais não dão aos seus presos uma boa condição de vida e alem disso por este mesmo presídio é comandando crimes por bandido dentro da cadeia. Isso se permite porque a policia não atua no sentido preventivo e também se deixa ludibriar e amedrontar por criminosos que lhe ameaçam ou lhe oferece propina.

Acrítica de Foucault ao sistema que rege ao pressionamento se estende aos dias atuais Segundo Foucault, para se estudar a prisão, deve-se analisar, não apenas

o discurso sobre esta, mas também, os discursos emanados desta (decisões, regulamentos que são elementos constituintes da prisão, funcionamento da prisão, discursos etc.). Para Foucault, um ponto marcante na história da repressão foi a passagem do método de punição para o de vigilância. Foi este o momento em que se percebeu ser mais eficaz vigiar do que punir, isso, devido a um "novo tipo" de poder. Segundo o filósofo, a prisão esteve, desde sua origem, ligada a um projeto de transformação dos indivíduos. Porém, a partir do momento em que a prisão se constituiu sob a forma de vigilância, secretou seu próprio alimento: a delinqüência. Em sua concepção primitiva, o trabalho penal não é o aprendizado deste ou daquele ofício, mas o aprendizado da própria virtude do trabalho. Posteriormente, a partir dos anos 1835-1840, tornou-se claro que não se procurava reeducar os delinqüentes, torná-los virtuosos, mas sim agrupá-los num meio bem definido, rotulado, que pudesse ser uma arma com fins econômicos ou políticos. A Sociedade Industrial exige que a riqueza esteja nas mãos de quem produz, por isso dever-se-ia encontrar uma maneira de proteger esta riqueza: uma "moral rigorosa". Alguns criminosos eram tolerados pela população. Mas a grande intolerância da população com relação ao delinqüente, que a moral e a política do século XIX haviam tentado instaurar, está se desintegrando. Aceitam-se cada vez mais certas formas de ilegalismos, de irregularidades. Foucault assinala duas espécies de delitos: a que acaba na polícia e a que se dissolve na estética, como o caso de Vidocq e Lacenaire. Segundo Foucault, o que torna a presença e o controle policial tolerável pela população é o medo do delinqüente. Sem delinqüência, não há necessidade da polícia. Assim, aceitamos entre nós esta gente de uniforme, armada, enquanto nós não temos o direito de o estar, que nos pede documentos, que vem rondar as nossas portas. Foucault lembra que; de uma maneira geral, os mecanismos de poder nunca foram muito estudados na história. Estudaram-se as pessoas que detiveram o poder. Um assunto que foi ainda menos estudado é a relação entre o poder e o saber, as incidências de um sobre o outro. Admite-se, e isto é uma tradição do humanismo, que a partir do momento em que se atinge o poder, deixa-se de saber: o poder enlouquece, os que governam são cegos. E somente aqueles que estão à distância do poder, que não estão em nada ligados à tirania, fechados em suas estufas, em seus quartos, em suas meditações, podem descobrir a verdade.

A prisão esteve, desde sua origem, ligada a um projeto de transformação dos indivíduos. Habitualmente se acredita que a prisão era uma espécie de depósito de criminosos, depósito cujos inconvenientes se teriam constatado por seu funcionamento, de tal forma que se teria dito ser necessário reformar as prisões, fazer

delas um instrumento de transformação dos indivíduos. Isto não é verdade: os textos, os programas, as declarações de intenção estão aí para mostrar. Desde o começo a prisão devia ser um instrumento tão aperfeiçoado quando a escola, a caserna ou o hospital, e agir com precisão sobre os indivíduos. O falho foi imediato e notado quase ao mesmo tempo em que o adequado projeto.

De 1820 se averigua que o presídio, longe de modificar os dolosos em gente digna, serve apenas para fabricar novos criminosos ou para afundá-los ainda mais na criminalidade. Foi então que houve, como sempre nos mecanismos de poder, um emprego estratégico daquilo que era um inconveniente.

A prisão fabrica delinqüente, mas os delinqüentes são úteis tanto no domínio econômico como no político. Os delinqüentes são de fundamental importância. Por exemplo, no proveito que se pode tirar da exploração do prazer sexual: a instauração, no século XIX, do grande edifício da prostituição, só foi possível graças aos delinqüentes que permitiram a articulação entre o prazer sexual quotidiano e custoso e a capitalização. Outro exemplo: todos sabem que Napoleão III tomou o poder graças a um grupo constituído, ao menos em seu nível mais baixo, por delinqüentes de direito comum. E chegam ver o medo e o ódio que os operários do século XIX sentiam em relação aos delinqüentes para compreender que estes eram utilizados contra eles nas lutas políticas e sociais, em encargos de cuidado, de impregnação, para impedir ou vazar paralisações, etc.

As tarefas penais não foram preparadas precisamente para produzir entre os criminosos e os operários este desentendimento tão enorme para o funcionamento geral do sistema. O que temia a classe média era esta classe de ilegalismo acolhedor e tolerado que se conhecia no século XVIII. Não é preciso exceder: os corretivo do século XVIII eram de grande feridade. Mas não é menos verdadeiro que os criminosos, pelo menos alguns dentre eles, eram tolerados pela população. Não havia uma classe livre de delinqüentes.

Em sua percepção o não civilizado o trabalho penal não é o aprendizado deste ou daquele ofício, mas o aprendizado da própria virtude do afazer. Comerciar sem escopo, trabalhar por trabalhar, deveria dar aos indivíduos a forma ideal do labutador. A partir dos anos 1835; 1840 tornou-se claro que não se buscava reeducar os delinqüentes, torná-los corretos, mas sim agrupá-los num meio bem definido, qualificado, que pudesse ser uma arma com fins econômicos ou políticos. O enigma

então não era ensinar-lhes alguma coisa, mas ao antagônico, não lhes ensinar nada para se estar bem protegido de que nada poderão fazer saindo da cadeia.

A partir do momento em que a capitalização pôs nas mãos da classe popular uma riqueza investida em matérias-primas, máquinas e instrumentos, foi absolutamente necessário proteger esta riqueza. Já que a sociedade industrial exige que a riqueza esteja diretamente nas mãos não daqueles que a possuem, mas daqueles que permitem a extração do lucro fazendo-a trabalhar, como proteger esta riqueza?

Evidentemente por uma ética rígida: daí esta formidável e acometida de moralização que ocorreu sobre a população do século XIX. Veja as extraordinárias campanhas de cristianização junto aos operários que tiveram lugar nesta época. Foi absolutamente necessário, portanto separando nitidamente o grupo de delinqüentes, mostrando-os como perigosos não apenas para os ricos, mas também para os pobres, mostrando-os carregados de todos os vícios e responsáveis pelos maiores perigos. Donde o nascimento da ficção policial e da importância, nos jornais, das páginas policiais, das horríveis narrativas de crimes.

A prisão foi o grande instrumento de recrutamento de delinqüentes. A partir do momento que saía, não podia fazer nada senão voltar a ser delinqüente. Caía necessariamente no sistema que dele fazia um proxeneta, um policial ou um alcagüete. A prisão profissionalizava. Em lugar de haver, como no século XVIII, estes bandos nômades que percorriam o campo e que freqüentemente eram de grande selvageria existem, a partir daquele momento, em meio essencialmente urbano e que é de uma utilidade política e econômica não negligenciável.

Em torno dos anos 1840 o desemprego e o subemprego são uma das condições da economia. Havia mão-de-obra para dar e vender. Mas pensar que a delito faz parte da ordem das coisas também faz parte, sem dúvida da argúcia cínica do pensamento burguês do século XIX. Seria preciso ser tão infantil quanto Baudelaire para arquitetar que a burguesia é tola e pudica. Ela é clarividente e petulante. Satisfaz apenas ler o que ela dizia de si mesma e, ainda melhor, o que dizia dos outros. A sociedade sem delinqüência foi um sonho do período XVIII que depois acabou. O dolo era por demais favoráveis para que se pudesse sonhar com algo tão tolo e arriscado como uma coletividade sem fraude. Sem delinqüência não há policia.

O que torna a comparecimento policial, a influência policial tolerável pela população se não o receio do delinqüente? Esta inauguração tão recente e tão pesada que seja a policia não se explica senão por isto. Como isso seria admissível se não houvesse os delituosos? Ou se não possuísse, todos os dias, nos jornais, incisos onde se conta os quão numerosos e insolentes são os criminosos?

Microfísica do Poder, de Michel Foucault; Enireiien sur la prison: le livre et sa méthode, in "Magazine Littéraire", nº 101, 1975. Tradução de Marcelo Marques Damião.

Colaboração Cel PM/MT Léo Gonsaga Medeiros.